

1

Introdução

Muito embora aquilo que chamamos de educação já sempre se encontre em um constante processo de construção de sentido, podemos afirmar que, dentro dos atuais estudos sobre o assunto o espaço para discutir esse processo encontra-se restringido em grande medida pelo predomínio de um tipo de discurso. Isso porque, os debates sobre a educação em geral ainda se guiam, por ideais de caráter cognitivista estabelecidos na Modernidade, que delimitam o caráter essencial do processo pedagógico. Estes ideais trazem consigo uma concepção, que também herdamos, acerca da existência de uma subjetividade previamente constituída, que se configura como o indivíduo racional moderno.

Ao procurar partir de uma definição sobre a essência do homem, o pensamento moderno acabou por delimitar e restringir o próprio caráter do processo educativo. Dito de outra forma, uma vez que tal pensamento, já procura nos dizer de antemão o que é o homem, a educação, por sua vez, passa a ser entendida apenas sob o aspecto das estratégias possíveis de formação desse homem já preconizado. Os estudos sobre a educação, então já não problematizam a origem de tais concepções e se guiam desde o início a partir delas, como se o homem e a educação fossem arquétipos universais. Contudo, o problema de se partir destas definições prévias é que, seu pretensão universalismo toma como referência, na verdade, uma concepção que é bastante singular e que depende de pressupostos que foram cunhados pelo pensamento moderno. Isto significa dizer que, embora tais postulados tenham a pretensão de serem universais, eles têm, na verdade, uma origem necessariamente histórica, que não é capaz de esgotar as possibilidades de construção de sentido acerca do homem e de seus processos de formação.

Não podemos ignorar, portanto, que ao privilegiar uma abordagem procedimental de educação, a racionalidade moderna fez com que o debate acabasse se restringindo às questões sobre a possibilidade de se aperfeiçoar os métodos e técnicas pedagógicas para, assim, tornar tal procedimento mais eficaz. Percebemos que essa confiança nas metodologias ainda se encontra por toda parte. Até mesmo se tomarmos como referência o atual contexto educacional do nosso país – onde a luta por uma maior democratização do ensino começa a alcançar

resultados significativos, pelo menos no que diz respeito ao acesso, – vemos que muito se questiona sobre como elaborar novas metodologias e estratégias para alcançar melhores resultados.

Acreditamos, porém, que as transformações pelas quais a escola se vê obrigada a passar, nesse atual momento de democratização do ensino, têm colocado ainda mais em evidência a insuficiência do próprio projeto pedagógico moderno e que a atual crise da educação pode ser compreendida como sendo a própria crise de um modelo de escola e de ensino. Em outras palavras, para nós aquilo que no campo da educação tem sido interpretado como o fracasso escolar, reflete basicamente o fracasso de um ideal de racionalidade que pretendeu orientar as práticas pedagógicas por meio de um caminho metafisicamente projetado, que, por princípio, nega sua própria historicidade e, com isso, seus limites (TREVISAN, 2007; HERMANN, 2002; FLICKINGER, 1998).

Nesse sentido, este trabalho tem como propósito mais decisivo apresentar a possibilidade que a filosofia hermenêutica – como uma das principais correntes críticas ao pensamento moderno – abre para pensar a educação para além das narrativas totalizadoras, que se alimentam de noções que foram densamente arquitetadas e difundidas a partir da Modernidade. Para tanto, buscamos refletir sobre a educação, a aprendizagem e a formação, problematizando os fundamentos sobre os quais estas idéias foram elaboradas. Acreditamos que, bem antes da própria articulação dessas idéias, há todo um horizonte de possibilidades que experimentamos de maneira pré-conceitual e que não é possível de ser formalmente abarcado sem o prejuízo de sua compreensibilidade.

Ao colocarmos em questão as bases nas quais se apóia o projeto moderno de educação, vemos que há a necessidade de pressupor uma subjetividade universal – o que coloca os parâmetros da ação individual acima da finitude humana. Kant foi o pensador que mais contribuiu para a fundamentação desse projeto. Baseado nos desígnios iluministas de uma humanidade perfectível e de uma sociedade que deveria estar inserida em um ideal de progresso – orientado especialmente pelas descobertas científicas – Kant dedicou suas obras à construção de um complexo esquema de pensamento que engendrou as noções que até hoje sustentam os ideais democráticos, como as de liberdade, autonomia e racionalidade. Nesse quadro, a educação se insere como o principal meio para consolidar tal projeto de humanidade, uma vez que dela depende o cultivo da razão e, conseqüentemente, a

autonomia dos sujeitos. Ainda hoje, muito embora os pressupostos metafísicos presentes nesse projeto tenham sido exaustivamente problematizados, há uma resistência em superar noções centrais concebidas no Iluminismo. O próprio ideal de liberdade humana – que se apóia em bases universalistas, do qual emergem formas universais de lei e de moral – hoje ganha novas versões que se reconhecem não mais metafísicas, mas sim parte de um processo coletivo de aprendizagem¹. Existe uma crença de que renunciar aos fundamentos do pensamento moderno significa também renunciar aos próprios fundamentos de uma existência democrática e justa. O pensamento hermenêutico diante disso compreende que, se por um lado, o reconhecimento de que não há nenhum princípio regulador universal cria uma barreira a toda tentativa de buscar os fundamentos últimos da ação humana, por outro, coloca a questão novamente em um âmbito histórico, cultural e lingüístico. Isso significa que as negociações não pressupõem mais a existência de uma medida universal que possa vir a servir de prerrogativa para qualquer tentativa de equalização dos discursos.

Dessa forma, tendo como fio condutor os processos de aprendizagem e de formação humana, buscamos ao longo de todo o trabalho discutir noções fundamentais como a de subjetividade e a de racionalidade, presentes nas teorias surgidas na Modernidade. Pretendemos com isso, pensar o problema da educação como uma questão em aberto, sem pretender conquistar qualquer solução em definitivo, pensá-la exatamente em seu caráter essencialmente problemático, indefinido, enigmático e crítico. Pois só assim conseguiremos devolver à educação a positividade de sua carência, que torna o homem e o mundo, quem aprende e o que se aprende, irredutíveis a um princípio metafísico qualquer.

Tendo em vista tais objetivos, dividimos o trabalho em dois momentos: 1) Os pressupostos fundamentais do projeto pedagógico da Modernidade; 2) O caráter hermenêutico do processo educacional.

Para dar início ao trabalho, no primeiro momento apresentamos o que seria um diagnóstico hermenêutico acerca do nosso mundo de hoje, onde o modo de conhecer da ciência moderna se propaga por toda parte. O objetivo de introduzir a discussão com este breve ensaio é mostrar que é o postulado moderno que ainda

¹ Para um aprofundamento crítico acerca dessa idéia, cf. MOUFFE, C. *O regresso do político*. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1996. p. 20-22.

delimita, em grande parte, o caráter daquilo que podemos conhecer. Embora, como buscaremos mostrar, este modo de conhecimento seja posterior a nossa própria compreensão de mundo.

Em seguida nos dedicamos a apresentar de forma geral as concepções de sujeito e racionalidade humana, tal como elas foram cunhadas na Modernidade, e como estas concepções exercem uma considerável influência nas teorias sobre a aprendizagem que circulam pelos espaços escolares. É importante ressaltar que nesse capítulo, mais importante do que problematizar questões interiores ao sistema cartesiano e kantiano é colocar em evidência seus pressupostos. Assim, após este capítulo, estabelecemos um diálogo entre as bases do projeto moderno de educação e a crítica trazida pelo pensamento hermenêutico, apresentando algumas noções preliminares acerca da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.

Ao final dessa primeira seção, oferecemos um possível contraponto à crítica que a hermenêutica faz ao pensamento moderno, através da exposição do debate travado entre Jürgen Habermas e Gadamer. Nesse mesmo capítulo, expomos ainda, em linhas gerais, alguns aspectos da teoria habermasiana sobre a possibilidade de uma razão destranscendentalizada.

No segundo momento do trabalho, apresentamos mais detalhadamente o pensamento hermenêutico de Gadamer. Esta apresentação comporta uma análise dos conceitos fundamentais de seu pensamento, tais como a idéia de compreensão, horizonte, linguagem, diálogo e formação. Desta forma, buscamos tornar claro de que maneira a hermenêutica representa não apenas uma alternativa, mas sim uma virada na compreensão dos processos educativos, uma vez que ela coloca em xeque pressupostos fundamentais, intrínsecos às idéias de sujeito e racionalidade.

Nessa última seção, também abordamos brevemente as relações entre o pensamento hermenêutico de Gadamer e alguns aspectos da filosofia prática de Aristóteles, com a intenção de introduzir um debate sobre a influência do pensamento hermenêutico no campo da política.

Procuramos, em suma, refletir sobre as contribuições que o pensamento hermenêutico pode trazer no que tange à busca por narrativas não hegemônicas na educação, de tal modo que tenhamos em vista uma maior compreensão da pluralidade e os atuais dilemas que se colocam hoje nos estudos sobre o assunto.